



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS DOS MALÊS
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

MARCOS MORAES DA SILVA

A UNILAB E O FOMENTO À PESQUISA SOBRE ÁFRICA NO BRASIL

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2025

MARCOS MORAES DA SILVA

A UNILAB E O FOMENTO À PESQUISA SOBRE ÁFRICA NO BRASIL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado na
UNILAB como requisito básico para a aquisição
do título de Bacharel em Humanidades.

Orientador: Prof. Dr. Pedro Acosta Leyva.

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2025

MARCOS MORAES DA SILVA

A UNILAB E O FOMENTO À PESQUISA SOBRE ÁFRICA NO BRASIL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado na
UNILAB como requisito básico para a aquisição
do título de Bacharel em Humanidades.

Aprovado em: 19/11/2025.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Pedro Acosta Leyva (Orientador)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

Prof. Dr. Paulo Alves Junior

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

Prof. Dr. Ba'silele Malomalo

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	5
2	PROBLEMA	5
3	OBJETO	5
4	OBJETIVOS	6
4.1	GERAL	6
4.2	ESPECÍFICOS	6
5	JUSTIFICATIVA	6
6	METODOLOGIA	7
7	APRESENTAÇÃO DOS DADOS	13
8	ANÁLISE DOS DADOS	16
9	QUADRO TEÓRICO	17
	REFERÊNCIAS	20

1 INTRODUÇÃO

A Universidade da Integração Internacional da lusofonia Afro-brasileira, UNILAB, foi criada em 2010 pela Lei federal 12.289/2010. De acordo com o art 2º desta mesma Lei sua missão institucional específica é “...formar recursos humanos para contribuir com a integração entre o Brasil e os demais países membros da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa - CPLP, especialmente os países africanos, bem como promover o desenvolvimento regional e o intercâmbio cultural, científico e educacional.”

Sua criação se deu no final do segundo governo Lula, uma era na qual a política externa brasileira estava voltada para o sul global, e o fortalecimento das relações com os países africanos se dava nessas bases.

Assim, a criação de uma universidade com foco na integração com os países lusófonos africanos, e o fomento de pesquisas que abranjam tais países teve seu lugar.

Visando atender à missão institucional específica presente na sua lei de criação, os três pilares da universidade, pesquisa, ensino e extensão, devem se desenvolver alinhados com este objetivo. No âmbito do seu desenvolvimento científico figura o fomento às pesquisas relativas aos países parceiros, os africanos em particular.

Tendo já 15 anos de criada, muita pesquisa já foi feita, e os frutos desse esforço já devem ser passíveis de verificação.

Este trabalho visa contribuir, ainda que humildemente, com esta verificação, dentro das limitações que a natureza do mesmo impõe.

2 PROBLEMA

A Unilab, sendo uma universidade de integração Brasil-África, cumpre o papel de fomentadora da pesquisa científica brasileira sobre África?

3 OBJETO

Produção científica (artigos publicados, livros publicados e capítulos de livros publicados) dos docentes que ministraram disciplinas para o curso de história do Campus dos Malês no semestre 2023.2 antes e depois de seu ingresso na Unilab.

4 OBJETIVOS

4.1 GERAL

Analisar quantitativamente a produção acadêmica das professoras e professores que ministraram disciplinas para o curso de história do Campus dos Malês no semestre 2023.2 quanto a sua relação com a temática africana.

4.2 ESPECÍFICOS

- 1) Mapear a produção acadêmica dos professores;
- 2) Identificar o ano de maior contribuição acadêmica;
- 3) Apresentar o percentual dos trabalhos relacionados à temática africana;
- 4) Trazer o recorte de gênero na composição da amostra e em seus resultados.

5 JUSTIFICATIVA

A Unilab já foi objeto de pesquisas, tanto realizadas em seu próprio seio, quanto por pesquisadores de outras universidades ou centros de pesquisa. Contudo, tendo em consideração a sua relativa pouca idade, uma vez que sua Lei de criação data de 2010, sendo o início efetivo de suas atividades em 2011, cada novo ano de atividade corresponde a um percentual importante de novos materiais passíveis de serem estudados a fim de colaborar com a compreensão do que vem a ser esta universidade.

Se tal pode ser dito da Unilab como um todo, ainda mais aplicável é ao Campus dos Malês, uma vez que suas primeiras turmas iniciaram em 2014. Por esta razão este trabalho se debruça sobre a produção acadêmica de alguns professores dos Malês, tendo como seleção de amostra aqueles professores que ministraram disciplinas para o curso de história do Campus dos Malês no semestre 2023.2.

Usar a produção acadêmica dos docentes da amostra para encontrar resposta ao problema proposto neste trabalho possibilitou lançar um olhar, ainda que limitado, a como a Unilab vem buscando atender a demanda pela promoção do intercâmbio científico com os países parceiros presente em sua Lei de criação.

Tal olhar contribui tanto para a percepção da sociedade sobre o que vem a ser a Unilab, como para subsidiar a própria Unilab na elaboração de suas políticas institucionais a fim de cumprir sua missão.

6 METODOLOGIA

Esta pesquisa utiliza metodologia de pesquisa quantitativa.

Uma abordagem puramente quantitativa tende a distorcer a percepção da realidade social, simplificando-a e reduzindo-a a relações numéricas que dão a sensação de que dominamos todos os aspectos da realidade estudada, algo que não é factível no âmbito das ciências sociais.

Por outro lado, a utilização de metodologia quantitativa na análise de fatos sociais no Brasil tem ganhado cada vez mais espaço, tornando necessário ao pesquisador social dominar a estatística, mesmo que não seja para a utilização em seus próprios trabalhos, como bem coloca Collares:

Entretanto, conhecer essas técnicas, ainda que o pesquisador opte por não utilizá-las, é um desafio para futuros sociólogos, tanto do ponto de vista de aprimorar e abrir novas possibilidades para o próprio trabalho quando da necessidade de compreender o trabalho de outros. (Collares, 2013, p.119)

O tratamento quantitativo de realidades sociais tende a se complexificar na medida em que o volume de dados a serem trabalhados cresce, e as relações entre as variáveis bifurcam e invertem a direção de influência ou de causalidade. Para dar conta de sua análise pode-se lançar mão de modelos estatísticos de alta complexidade. Contudo, a complexificação dos modelos aplicados não deve ser, por si só, o elemento central da análise, de modo a torná-la desprovida de teoria. Collares ainda pontua:

[...]essa crescente atração e mesmo exigência pela complexidade estatística na análise pode comprometer o próprio processo de validação empírica do conhecimento, obrigando o pesquisador a adaptar os dados aos modelos de forma muitas vezes inadequada ao próprio modelo, resultando em perda da capacidade explicativa do mesmo. (Collares, 2013, p.116)

Em seu trabalho ela cita Sorensen, (1998, p. 242), que afirma que “A tarefa da teoria é simplificá-los e caracterizá-los em termos de seus elementos essenciais”. Na sequência ela

pontua: “assim, um simples cruzamento de variáveis pode ser suficiente para simplificar os processos sociais facilitando o desenvolvimento de teorias.”

Essa posição não significa, de forma alguma, que Collares classifique a utilização de modelos estatísticos complexos como não desejados ou desnecessários. Ela chega a enumerar as vantagens de utilizá-los:

[...]a crescente facilidade que as pesquisas sociológicas encontram em lidar com um número de dados cada vez maior, a maior velocidade com que os resultados dos modelos de análise são obtidos, a facilidade do uso e a maior confiabilidade dos cálculos, e a combinação de dados de natureza longitudinal, favorecendo a descoberta de padrões sociais. (Collares, 2013, p. 117)

O objeto deste trabalho não demanda a aplicação de modelos estatísticos complexos para sua análise, elegendo o simples cruzamento entre as variáveis como ferramenta para medir o efeito fomentador da Unilab sobre a produção acadêmica de seus docentes sobre África.

Neste trabalho, o grupo de controle é a própria amostra dos docentes e sua produção acadêmica antes do ingresso na Unilab, uma vez que ao compará-la à produção dos mesmos docentes após esse ingresso, podemos atribuir as diferenças que surgirem ao novo ambiente de produção acadêmica em que estão inseridos.

Aqui vale a pena destacar que o que está em análise não é a qualidade da produção acadêmica desses docentes, uma vez que métricas quantitativas, por si só, são insuficientes para tal avaliação.

De acordo com Lakatos e Marconi (2019), a coleta de dados quantitativos pode ser realizada por meio de métodos como questionários, experimentos controlados, observações sistemáticas ou análise de registros existentes. Para esta pesquisa a análise de registros existentes configura a natureza da fonte utilizada.

Trazendo esses elementos para a realidade desta pesquisa, fizemos o levantamento do percentual que se relaciona com a temática africana nos trabalhos acadêmicos (artigos publicados, livros publicados e capítulos de livros publicados) dos docentes que ministraram disciplinas para o curso de história do Campus dos Malês no semestre de 2023.2, aplicando o cruzamento desta variável com dois períodos, anterior ao ingresso do docente na Unilab e posterior a este ingresso.

Neste caso, a análise quantitativa envolveu a contagem e classificação de trabalhos acadêmicos de professores com base em sua relação com a temática africana. Incluindo a

identificação de palavras-chave, tópicos específicos ou abordagens metodológicas que indiquem essa relação.

Os dados foram coletados por meio pesquisa e análise do currículo Lattes dos docentes. A amostra foi selecionada tendo o cuidado de se incluir todos os docentes que ministraram disciplinas no curso de história do Campus dos Malês em 2023.2, a fim de se garantir que não houvessem filtros que pudessem prejudicar a representatividade, tendo em conta os prejuízos estruturais que já afetam a amostra e que escapam ao controle desta pesquisa.

As variáveis incluíram o número total de trabalhos acadêmicos analisados, o número de trabalhos que abordam a temática africana antes e depois do ingresso destes docentes na Unilab e o percentual desses trabalhos em relação ao total. Sendo aplicadas medidas descritivas, como frequências e proporções, a fim de descrever a distribuição dos trabalhos acadêmicos em relação à temática africana.

Reconhece-se a necessidade de outros trabalhos para que se obtenha uma amostra representativa da população de professores, e possam ser aplicadas as técnicas de inferência estatística para extrapolar conclusões sobre o percentual de trabalhos acadêmicos relacionados à temática africana na população em geral.

A plataforma Lattes foi a escolhida como fonte dos dados de produção docente tendo em conta a importância de garantir-se a validade dos dados coletados, verificando a precisão e a consistência das classificações atribuídas a cada trabalho acadêmico em relação à temática africana.

Após a análise dos dados, os resultados foram interpretados cuidadosamente, levando em consideração o contexto da pesquisa e as limitações do estudo. Os achados foram comunicados nesta pesquisa por meio das tabelas e gráficos apresentados, destacando o percentual de trabalhos acadêmicos relacionados à temática africana.

Ao considerar essas reflexões, nossa pesquisa não visa dar uma resposta conclusiva às questões propostas, mas apenas contribuir com uma fração do necessário para compreender o impacto da Unilab na produção científica sobre África no Brasil, reconhecendo a complexidade dos dados e os desafios envolvidos na interpretação de pesquisas quantitativas.

7 APRESENTAÇÃO DOS DADOS

					TRABALHOS ANTERIORES AO INGRESSO NA UNILAB			TRABALHOS POSTERIORES AO INGRESSO NA UNILAB				
NOME	ÁREA DA MAIOR TITULAÇÃO	NACIONALIDADE	INGRESSO NA UNILAB	LINHAS DE PESQUISA ATUAL	TRABALHOS PUBLICADOS	TRABALHOS RELACIONADOS À ÁFRICA	TRABALHOS NÃO RELACIONADOS À ÁFRICA	TOTAL DE TRABALHOS PUBLICADOS NO PERÍODO	TRABALHOS RELACIONADOS À ÁFRICA	TRABALHOS NÃO RELACIONADOS À ÁFRICA	ANOS DE TRABALHO NA UNILAB EM 2024	TOTAL DE GERAL DE TRABALHOS
1 - EDUARDO ANTONIO ESTEVAM SANTOS	HISTÓRIA	Brasileiro	2015	Estudos e pesquisas sobre Imprensa e Imprensa angolana oitocentista.	4 ARTIGOS	0	1 ARTIGO	8 ARTIGOS; 1 LIVRO; 1 CAPÍTULO DE LIVRO	5 ARTIGOS; 1 CAPÍTULO DE LIVRO	1 LIVRO	9 ANOS	12 ARTIGOS; 1 CAPÍTULO DE LIVRO; 1 LIVRO
2 - ERIC BRASIL NEPOMUCENO	HISTÓRIA	BRASILEIRO	2017	História Digital: novos problemas metodológicos e teóricos para a pesquisa e a escrita da história Estudos de trajetórias e associações negras no Pós-Abolição ;Cultura e raça na Afro-América em perspectiva transnacional;	7 ARTIGOS; 1 LIVRO; 8 CAPÍTULOS DE LIVRO	0	7 ARTIGOS; 1 LIVRO; 8 CAPÍTULOS DE LIVRO	10 ARTIGOS; 2 LIVROS; 5 CAPÍTULOS DE LIVRO	0	10 ARTIGOS; 2 LIVROS; 5 CAPÍTULOS DE LIVRO	7 ANOS	17 ARTIGOS; 3 LIVROS; 13 CAPÍTULOS DE LIVRO
3 - IDALINA MARIA ALMEIDA DE FREITAS	HISTÓRIA	BRASILEIRA	2018	História da África, Pós abolição, Gênero e Ensino de História	4 ARTIGOS; 3 LIVROS; 1 CAPÍTULO DE LIVRO	0	4 ARTIGOS; 3 LIVROS; 1 CAPÍTULO DE LIVRO	6 ARTIGOS; 4 CAPÍTULOS DE LIVRO	2 ARTIGOS	4 ARTIGOS; 4 CAPÍTULOS DE LIVROS	6 ANOS	10 ARTIGOS; 3 LIVROS; 5 CAPÍTULOS DE LIVROS

4 - IGOR FONSECA DE OLIVEIRA	HISTÓRIA	BRASILEIRO	2017	Coordenador de Área do Subprojeto História/Sociologia do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência	1 ARTIGO	0	1 ARTIGO	2 ARTIGOS	0	2 ARTIGOS	7 ANOS	3 ARTIGOS
5 - JORGE LUZIO MATOS SILVA	HISTÓRIA	BRASILEIRO	2020	Estudos sobre o Ensino de História em perspectivas decoloniais, cultura material em marfim e iconografias de Arte Colonial no Império Português.	2 ARTIGOS; 11 CAPÍTULOS DE LIVROS	2 CAPÍTULOS DE LIVROS	2 ARTIGOS; 9 CAPÍTULOS DE LIVROS	1 ARTIGO; 1 LIVRO; 5 CAPÍTULOS DE LIVROS	1 LIVRO; 2 CAPÍTULOS DE LIVROS	1 ARTIGO; 3 CAPÍTULOS DE LIVROS	4 ANOS	3 ARTIGOS; 1 LIVRO; 16 CAPÍTULOS DE LIVROS
6 - JULIANA BARRETO FARIAS	HISTÓRIA	BRASILEIRA	2015	Escravidão, gênero, pequeno comércio, trabalho urbano, religiosidades e identidade étnica.	18 ARTIGOS; 5 LIVROS; 8 CAPÍTULOS DE LIVROS	0	18 ARTIGOS; 5 LIVROS; 8 CAPÍTULOS DE LIVROS	14 ARTIGOS; 3 LIVROS; 13 CAPÍTULOS DE LIVROS	7 ARTIGOS; 1 LIVRO; 4 CAPÍTULOS DE LIVROS	7 ARTIGOS; 2 LIVROS; 9 CAPÍTULOS DE LIVROS	9 ANOS	32 ARTIGOS; 8 LIVROS; 21 CAPÍTULOS DE LIVROS
7 - PAULO ALVES JUNIOR	SOCIOLOGIA	BRASILEIRO	2018	História econômica: desenvolvimento e integração dos países de língua oficial portuguesa (PALOPs)	1 ARTIGO; 4 CAPÍTULOS DE LIVROS	1 ARTIGO	4 CAPÍTULOS DE LIVRO	1 ARTIGO; 1 LIVRO; 1 CAPÍTULO DE LIVRO	0	1 ARTIGO; 1 LIVRO; 1 CAPÍTULO DE LIVRO	6 ANOS	2 ARTIGOS; 1 LIVRO; 5 CAPÍTULOS DE LIVROS
8 - PEDRO ACOSTA LEYVA	TEOLOGIA	CUBANO	2014	História da Diáspora africana e a História do Continente africano	9 ARTIGOS; 2 LIVROS; 5 CAPÍTULOS DE LIVROS	2 ARTIGOS; 1 LIVRO	7 ARTIGOS; 1 LIVRO; 5 CAPÍTULOS DE LIVROS	6 ARTIGOS; 1 LIVRO; 2 CAPÍTULOS DE LIVROS	5 ARTIGOS; 1 LIVRO	1 ARTIGO; 2 CAPÍTULOS DE LIVROS	10 ANOS	15 ARTIGOS; 3 LIVROS; 7 CAPÍTULOS DE LIVROS

9 - VICTOR MARTINS DE SOUSA	HISTÓRIA	BRASILEIRO	2021	Relação entre o Candomblé Congo-Angola e o samba; China Contemporânea.	2 ARTIGOS; 3 LIVROS; 4 CAPÍTULOS DE LIVROS	1 ARTIGO; 1 LIVRO; 4 CAPÍTULOS DE LIVROS	1 ARTIGO; 2 LIVROS	1 LIVRO	1 LIVRO	0	3 ANOS	2 ARTIGOS; 4 LIVROS; 4 CAPÍTULOS DE LIVROS
-----------------------------	----------	------------	------	--	--	--	--------------------	---------	---------	---	--------	--

8 ANÁLISE DOS DADOS

A consolidação dos dados levantados revelam um impacto importante do fomento da produção acadêmica dos docentes selecionados sobre África.

Consolidação dos dados				
	Total de publicações anteriores ao ingresso na Unilab	Percentual de trabalhos relacionados à África antes do ingresso na Unilab	Total de publicações posteriores ao ingresso na Unilab	Percentual de trabalhos relacionados à África após o ingresso na Unilab
Docente 1	4	0	10	60%
Docente 2	16	0	17	0
Docente 3	8	0	10	20%
Docente 4	1	0	2	0
Docente 5	13	15%	7	42,85%
Docente 6	31	0	30	40%
Docente 7	5	20%	3	0
Docente 8	16	18,75%	9	66,66%
Docente 9	9	66,66%	1	100%
Total	103	11,65%	89	33,70%

O presente projeto apresenta a amostra acima e o quadro de consolidação dos dados a fim de demonstrar como será realizado o trabalho proposto.

Após a fase de coleta dos dados que resultará na construção de planilhas como as anteriores, porém com uma amostra maior e uma quantidade de dados consideravelmente mais expressiva da realidade, serão construídos gráficos com recortes de gênero, e expressão da variação temática dos trabalhos e seus percentuais.

9 QUADRO TEÓRICO

América e África estão historicamente ligados, e não pelos melhores laços, ambos compartilham um passado comum de colonização pela Europa, que criou uma das “indústrias” mais rentáveis e cruéis da história. E o Brasil, em particular, por ocupar praticamente toda costa atlântica da América do Sul, com todo seu litoral voltado para a costa oeste da África, se configurou como o principal destino de africanos escravizados. Com a implementação do sistema das *plantations* no Brasil, até o século XIX mais de 4 milhões de africanos foram trazidos como escravizados para essas terras. Este volume foi equivalente a 40% do tráfico de pessoas escravizadas para o continente americano. Essa relação deixou marcas profundas dos dois lados do Atlântico. (Costa, 1998).

No caso brasileiro essas marcas moldaram a estrutura da sociedade, conformando um cenário de desigualdade social no qual até o dia de hoje aqueles que estão no poder, em grande medida, descendem dos grandes latifundiários escravistas dos séculos XVII a XIX (Projeto escravizadores; Agência Pública, 2023), numa população onde 55,5% se reconhece como negra (IBGE, 2022).

Em África a economia escravista roubou do continente o maior bem que uma terra pode ter, as pessoas; e após séculos de expropriação sistemática o continente acumulou índices de subdesenvolvimento que são apontados pela estrutura racista do sistema internacional como naturais do contexto africano. (Rodney, 2023)

A inserção do contingente negro em condição escravizada na sociedade brasileira nos legou para hoje uma sociedade com extrema desigualdade de condições entre seus estratos, com baixíssima mobilidade social. Uma sociedade quase estamental, na qual uma família de baixa renda precisaria de nove gerações para atingir a renda média da população (OCDE 2018). A população negra, que ingressou na sociedade pela parte de baixo da pirâmide social do Brasil colônia, luta diariamente com os efeitos desse início malogrado, somados a esta quase inexistente possibilidade de mobilidade social.

Com todo esse lastro histórico fica patente que o racismo que moldou a estrutura social no Brasil colônia continua sustentando a estrutura social racista do Brasil do Século XXI. E como efeito disso temos que a imagem que se projeta de África no Brasil vem se construindo de modo a apagar a história de resistência dos povos africanos ao colonialismo europeu, vendendo-se comumente a ideia de que a África foi facilmente colonizada a partir do século XV, e assim permaneceu até as lutas anticoloniais do século XX.

O colonialismo, como sistema econômico, só se instalou de fato em África a partir do final do século XIX, como bem coloca Pedro Acosta- Leyva:

O domínio europeu na África continental do século XV até o século XIX limitou-se a entrepostos (arquipélagos e ilhas Canárias, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe, Ilha de Moçambique) e enclaves costeiros. No interior do Continente, os que controlavam a política, a sociedade, o comércio e a vida cultural eram os próprios africanos.” (Acosta-Leyva, 2016, p. 47)

Já na América o início do colonialismo como sistema econômico se deu no século XVI, findando no Brasil em 1822, início do século XIX, o que só ocorreria em África ao longo do século XX. Em decorrência disto as democracias africanas são na verdade bastante jovens, ainda mais se levarmos em conta os períodos intermitentes de governos totalitários que acometeram muitos de seus países. O mesmo pode ser dito do Brasil, com seu histórico de golpes desde a proclamação da república, estado novo e ditadura militar, só se instalando alguma experiência democrática a partir da década de 80 do século XX.

No que tange a imagem da África contemporânea no Brasil, é muito reveladora a análise que Aderson Oliva faz de uma fala do presidente Lula sobre a capital da Namíbia, quando em viagem à mesma, em um artigo seu de 2003 para a revista Estudos Afro-Asiáticos:

Reproduzimos em nossas idéias as notícias que circulam pela mídia, e que revelam um Continente marcado pelas misérias, guerras étnicas, instabilidade política, AIDS, fome e falência econômica. Às imagens e informações que dominam os meios de comunicação, os livros didáticos incorporam a tradição racista e preconceituosa de estudos sobre o Continente e a discriminação à qual são submetidos os afrodescendentes aqui dentro. A África não poderia ter, fazendo uma breve inversão do olhar presidencial, ruas limpas, um povo extraordinário e bela arquitetura. Seguindo esse raciocínio, a viagem não poderia ter outra dimensão do que a econômica, e o Brasil não poderia ter outra postura do que a de ajuda humanitária à África, já que, por sermos tão melhores do que eles, seria ilógico esperar algo de lá. (Oliva, 2003, p.431)

Oliva põe uma lupa no pano de fundo que gerou a surpresa do presidente Lula ao se deparar com uma Windhoek, limpa, organizada e possuidora de uma arquitetura e povo exuberantes. O que o presidente esperava encontrar era a miséria e a desorganização social que nos chega pelas mídias, nos mais diversos meios de comunicação e, hoje também, pelas redes sociais.

Diante desse contexto estrutural racista e colonizado, não somente as mídias, mas também o próprio currículo escolar contribui para perpetuar a colonialidade do pensamento, conceito desenvolvido por Aníbal Quijano (2005) que delineia perfeitamente a estrutura de pensamento da sociedade pós colonizada.

Este contexto torna premente ações que resultem na descolonização dos currículos, como os esforços que resultaram na Lei 10.639/2003, que torna obrigatória a inserção da temática História e Cultura Afro-Brasileira nos mesmos.

Assim, ainda há muito a ser feito no que tange à construção de uma educação anti-racista. E dentre as muitas ações importantes, o fomento a pesquisas sobre África no âmbito das universidades brasileiras, que possam contribuir com subsídios para a qualificação de docentes da educação básica na desconstrução da imagem estereotipada e preconceituosa que temos do Continente, ganha relevância.

É nesse contexto que a Unilab assume em sua missão o “intercâmbio cultural, científico e educacional” com os PALOP - Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa.

Daí, também, a relevância do esforço desta pesquisa em contribuir com o levantamento de dados quanto à influência da Unilab na produção científica de seu corpo docente sobre África. Este trabalho abre espaço para que diversos outros sejam feitos, com amostras que extrapolem as limitações desta pesquisa, a fim de que se delineie um panorama suficiente para criação de políticas potencializadoras do papel fomentador da Instituição.

REFERÊNCIAS

ACOSTA-LEYVA, Pedro. **África entre africanistas e africanólogos no Brasil**. Pará de Minas, MG: Virtual Books Editora, 2023.

AGÊNCIA PÚBLICA. **Projeto escravizadores**: investigações sobre escravidão no Brasil. São Paulo, 2023. Disponível em: <https://apublica.org/especial/projeto-escravizadores-investigacoes-sobre-escravidao-no-brasil/>. Acesso em: 19 nov. 2025

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico 2022**: panorama. Rio de Janeiro: IBGE, [2023?]. Disponível em: <https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/>. Acesso em: 19 nov. 2025.

BRASIL. Lei nº 12.289, de 20 de julho de 2010. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 21 jul. 2010. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12289.htm. Acesso em: 19/11/2025.

COLLARES, Ana Cristina. Uma questão de método: desafios da pesquisa quantitativa na Sociologia. Em: **Idéias**, Campinas, SP, v. 4, p. 109–135, 2014. DOI: [10.20396/ideias.v4i0.8649415](https://doi.org/10.20396/ideias.v4i0.8649415). Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/ideias/article/view/8649415>. Acesso em: 19 nov. 2025.

COSTA, Emília Viotti da. **Da senzala à colônia**. 5. ed. São Paulo: Editora Unesp, 1998.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2019.

OECD (2018), **A Broken Social Elevator?** How to Promote Social Mobility, OECD Publishing, Paris, <https://doi.org/10.1787/9789264301085-en>. Acessado em 19/11/2025.

OLIVA, Anderson Ribeiro; CONCEIÇÃO, Maria Telvira da. A construção de epistemologias insubmissas e os caminhos possíveis para uma educação antirracista e anticolonial: reflexões sobre os 20 anos da Lei 10.639/2003. **História Hoje**, [S. l.], v. 2, n. 4, p. 11-30, 2023. Disponível em: <https://rhhj.anpuh.org/RHHJ/article/view/1080/517>. Acesso em: 19 nov. 2025.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (Org.). **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais. Tradução de Aurora Fornoni Bernardini. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 117-142. Disponível em: <http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/se/20100609181156/lander.pdf>. Acesso em: 19 nov. 2025.

RODNEY, Walter. **Como a Europa subdesenvolveu a África**. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2022

SORENSEN, A. Theoretical mechanisms and the empirical study of social processes. In: HEDSTRÖM, P. and SWEDBERG, R. **Social Mechanisms**: An Analytical Approach to Social Theory. Cambridge University Press, 1998